

Entrevista

**MARIA LÚCIA
DAL FARRA**

Maria Lúcia Dal Farra

RECONHECIDA PROFESSORA, POETA E ENSAÍSTA BRASILEIRA, FALA-NOS SOBRE FLORBELA ESPANCA

Entrevista conduzida por

Ana Paula Orlandi¹

«As questões sobre o feminino levantadas pela obra de Florbela Espanca continuam a nos impactar e a desafiar nosso tempo»

Como jornalista independente, colaboro em diversos veículos de comunicação, a exemplo da *Pesquisa FAPESP*, revista de divulgação científica publicada mensalmente pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). No ano passado, fui pautada por essa referida publicação para escrever uma reportagem sobre estudos acadêmicos realizados no Brasil acerca da escritora e poeta portuguesa Florbela Espanca (1894-1930).

A apuração para a reportagem revelou que os pesquisadores brasileiros detêm o protagonismo mundial em estudos florbelianos. E isso em muito se deve ao trabalho da professora de literatura portuguesa Maria Lúcia Dal Farra, que começou a lecionar no final da década de 1960 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

¹ Colaboradora da revista *Pesquisa FAPESP*; Jornalista e mestre pelo Programa Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

de Botucatu, onde se graduou em Letras, em 1966. Entre 1972 e 1973, ela foi docente na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Ainda naquela década, como integrante da equipe do crítico literário e professor da USP Antonio Candido (1918-2017), ajudou a fundar o Departamento de Teoria Literária e o Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), instituição onde trabalhou entre 1975 e 1988.

Mais tarde, em 2019, Dal Farra se aposentou na Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde, entre outras funções, esteve à frente de *Figurações do feminino: Florbela Espanca et alii*, grupo de estudos do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) que funcionou entre 2010 e 2021, e ajudou a formar uma geração de estudiosos florbelianos. Antes, também passou por Berkeley (Universidade da Califórnia, 2002), onde ministrou aulas de literatura portuguesa e brasileira.

É difícil resumir a contribuição da professora (e também poeta, vencedora do Prêmio Jabuti de Literatura com o livro *Alumbramentos*, lançado pela Iluminuras, em 2012) Maria Lúcia Dal Farra para os estudos florbelianos. Para obter a titularidade na UFS, por exemplo, ela se debruçou sobre um manuscrito com poemas, contos e anotações escritos pela autora portuguesa na década de 1910 – material que localizou durante uma temporada de pesquisa em Portugal. O trabalho gerou o livro *Trocando*

olhares, compilação desses textos, que ganhou edição portuguesa pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em 1994, com estudo introdutório, estabelecimento de texto e notas assinados pela pesquisadora brasileira.

A ele seguiram títulos como *Afinado desconcerto* (contos, cartas, diário), organizado por Dal Farra e lançado no Brasil pela editora Iluminuras, em 2004. É também o caso do livro *Sempre tua. Correspondência amorosa 1920-1925* (Iluminuras, 2012), com o montante de cartas inéditas de Florbela para o segundo marido, o militar António Guimarães, que já haviam sido reunidas por Dal Farra no livro *Perdidamente* (2008), edição portuguesa lançada pela Editora Quasi e Câmara Municipal de Matosinhos. O prefácio é assinado pela escritora e tradutora portuguesa Inês Pedrosa.

No momento, Dal Farra aguarda o lançamento, em Portugal, do *Dicionário Florbela Espanca*, organizado por Fabio Mario da Silva, professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), e Jonas Leite, professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A obra, que tem coordenação-geral de Dal Farra, reúne mais de 100 verbetes elaborados por cerca de 80 pesquisadores de países como França, Inglaterra, Estados Unidos e Portugal, a exemplo de José Carlos Seabra Pereira, professor da Universidade de Coimbra, que estuda a autora desde a década de 1980. Além disso, Dal Farra prepara um livro que também deve ser lançado em

2022, em que percorre a fortuna crítica sobre a obra florbeliana desde a década de 1920, bem como os imbróglis que se sucederam após a morte da poeta e escritora portuguesa, a exemplo da polêmica em torno da construção de um busto em homenagem a Florbela na cidade de Évora (Portugal), que se arrastou entre 1930 e 1948.

P

&
R

Por que a senhora começou a estudar Florbela Espanca? Como e quando surgiu seu interesse por ela?

Florbela me apareceu de repente na adolescência, vinda não sei bem de onde, e me arrebatou. Você sabe como ela é: expõe, de cara, todo o repertório da rebeldia feminina que uma menina, pendendo para mulher, almeja para si — pelo menos, era assim no meu tempo. Além disso, sua poesia (na altura eu não podia ter ideia alguma da sua biografia, claro está) é charmosa, melódica, envolvente de ritmos para serem lidos em voz alta (embora secretamente pronunciados ao pé do ouvido), o que lhe dá um caráter de líder de um grupinho avançado de escola secundária, de segredos compartilhados e de confidencialidade cúmplice. As chaves de ouro dos seus sonetos são sensacionais — e a gente ficava boquiaberto porque, nestas, tudo aquilo que havia se desenrolado antes, estando à mão, ao nosso nível de entendimento, sofria um golpe mágico e escapulia para um ambiente sideral

Em setembro do ano passado, graças ao intermédio do professor Fábio Mario da Silva, Dal Farra gentilmente se dispôs a dividir com essa repórter seu conhecimento acumulado ao longo de quatro décadas de estudos sobre Florbela Espanca. Como na época ela se recuperava da Covid-19, preferiu conceder por escrito a entrevista que vem a seguir.

e transcendente, que fazia do amor a suprema entrega e a indizível glória. Era aquilo o que almejávamos, mesmo com todas as dores e mágoas que esse ato (como ela reafirmava sempre) comportava.

Todavia, com todo esse entusiasmo — e sobretudo por causa dele — não comecei a minha vida de Letras por ela. Não. Florbela me tocava de tal forma, que se tornou impraticável, para mim, depois de saber o quanto a vida acadêmica nos solicitava de objetividade e neutralidade, escrever qualquer coisa a seu respeito. Diante dela, eu virava uma espécie de jegue apreciando uma catedral... e não tinha parecer que não fosse minado por toda essa admiração, o que me impedia, mesmo, de proferir algo sobre sua obra. Ela me engolia com sua astúcia atemporal e magnética, e eu ficava ali impotente diante da Florbela — bem a «seus pés», como diz com o mesmo ímpeto José Gomes Ferreira, seu contemporâneo na Faculdade de Direito, e depois querido amigo meu, que vim a co-

nhecer em 1971, na companhia de Carlos de Oliveira, Augusto Abelaira e Herberto Helder, e a quem eu chamava de «vovô».

E a coisa foi ficando tão forte que, numa prova na faculdade, em que tivemos de nos pronunciar sobre ela, eu não consegui escrever uma linha! Ia entregar o papel em branco, quando me ocorreu perguntar ao meu professor se ele aceitaria que eu escrevesse um poema conversando com ela, em vez de uma análise da que se aguardava. E, como ele me tivesse permitido, foi aí que, «oficialmente», creio, começou o meu trabalho intelectual sobre ela e a minha vida com ela.

Mas eu só viria a conseguir escrever sobre a Florbela e a me dedicar inteiramente à obra dela depois que defendi o mestrado, o doutorado, a livre-docência. Enquanto isso ela estava hibernando em mim. Parece brincadeira, mas somente na titularidade – e depois de ter feito visitas ao túmulo dela, de ter tido inúmeras conversas com ela no sentido de impedir que Florbela me florbelizasse (porque, entretimentos, eu tinha topado com um rol de poetisas admiradoras dela que foram, digamos, tragadas por ela... e que perderam a sua personalidade poética própria!), e depois de resolver tratar o assunto de maneira para lá de objetiva, ou seja, por meio de um viés da Edótica – é que consegui, por fim, construir alguma coisa digna de valor a respeito dela.

Na época, Florbela era estudada na universidade brasileira?

Não, a Florbela não era estudada na universidade brasileira (o que se passou comigo foi uma honrosa exceção, você verá) e, quase posso assegurar com certeza, nem na universidade portuguesa. Ou nesta, com reservas, e muitas. Explico melhor.

A primeira manifestação de trato acadêmico da poesia florbeliana, em Portugal, data de 1945, e vem da Universidade de Lisboa – portanto, 15 anos após a sua morte e antes ainda que a polêmica inicial acerca da colocação do seu busto no Jardim Público de Évora se abrandasse, ou melhor, antes que não piorasse ainda mais... Porque depois que este foi acimentado, sem a devida autorização que lhe era interdita, na calada da noite, em 1949, a reação contra Florbela foi ainda mais gritante e mais descaradamente perversa.

Pois, o referido trabalho é uma dissertação orientada pelo ilustre professor Pina Martins. Mas creio que seja indicial (já que devassa um tanto esse terrorismo persecutório à Florbela) que, debaixo do pseudônimo «Duarte de Montalegre», o mesmo professor tivesse publicado, em 1947, um estudo intitulado «Florbela e o fantasma da morte», na revista portuguesa Brisa. Reparo que o uso de um nome outro, para assinar algo respeitante à Florbela, evidencia, muito provavelmente da parte de Pina Martins, um gesto discreto capaz de não desa-

fiar a sisudez oficial da academia portuguesa quanto ao olhar suspeito que, na altura, era lançado sobre a poetisa e sua obra.

E veja que a defesa da dissertação de Maria de Lourdes Barreiros Lopes — é essa mulher a pioneira! — é, de fato, um acontecimento excepcional, se levarmos em conta, portanto, esse contexto completamente hostil à Florbela, dado pela visão literária salazarista que a estigmatizava como uma mulher «inconstitucional». Ignoro que tivesse tido alguma repercussão o estudo de Barreiros Lopes, pois que jamais o vi referido antes que eu o tivesse desencavado, por puro acaso, das profundas camadas arqueológicas dos espólios da Biblioteca Nacional de Lisboa.

O segundo sinal acadêmico surge só 14 anos depois do inaugural, em 1959, e já na Universidade de Coimbra. A dissertação é orientada pelo emérito Costa Pimpão, e é da lavra de outra mulher: Maria Manuela Moreira Nunes. Nesta altura, a polémica inicial recrudescia e ganhava novos contornos, uma vez que as entidades avessas ao regime buscavam trazer os restos mortais de Florbela, de Matosinhos, terra onde falecera, para a sua terra natal, Vila Viçosa, o que só se efetivará — aliás, grandiosamente! — em 1964. No entanto, apesar do enorme efeito produzido pela carreata festiva, que a leva de uma para outra província portuguesa, com paradas em diversos povoados (sobretudo em Coimbra, onde os estudantes, devidamente engalanados, pres-

tam-lhe homenagem — e, para que se saiba, o José Carlos de Vasconcelos, fundador e até hoje diretor do *Jornal de Letras* lisboeta, foi quem discursou lindamente, representando todas as categorias da Universidade, diante do seu féretro!) —, há episódios deploráveis como (sinto revelar!) a disputa por pedaços de ossos e de cabelos de Florbela, quando da exumação do seu corpo! É inacreditável e sinistro, mas os seus admiradores queriam conservar «lembrancinhas» dela...

Embora ambos os estudos sejam, digamos, de cunho mais ou menos impressionista, onde sub-repticiamente ecoam os alardes que então pairavam na mídia portuguesa acerca das relações entre a biografia e a obra da poetisa, são trabalhos louváveis e meritórios, e têm de ser referidos. Pertencem à fase heroica dos estudos florbelianos.

Este segundo já avança um tanto em relação ao anterior, pois que se vale também de uma pesquisa empenhada sobre jornais e periódicos do tempo produtivo da poetisa, descobrindo e publicando alguns poemas que, até o momento, eram inéditos.

Aliás, a gente viria a reencontrá-los apenas em 1986, quando o manuscrito inicial e original de Florbela, o intitulado *Trocando olhares*, foi comprado do empresário Rui Guedes pelo Estado Português e depositado na Biblioteca Nacional de Portugal. A minha titularidade, portanto, ocorrida em 1992, procura dar conta

desse manuscrito que havia sido publicado em seguida de maneira estropiada e irresponsável pelo dito empresário, pesquisa que foi editada em 1994 pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, de Lisboa, aliás, como um desagravo meu (e de Florbela) à má-fé incompetente da referida edição.

Mas o clima, na altura em que a Academia encetava por dar atestado de existência à poetisa, era completamente desfavorável em virtude da polémica escandalosa em torno do suicídio dela (1930), dos boatos de incestos e de ninfomania praticados por ela, e da consequente «apuração» dessas hipóteses através das «provas» que os leitores e comentaristas de jornais vinham colher na obra da escritora — culpa, aliás, do seu divulgador e editor Guido Battelli. Daí o seu boom editorial impressionante! E patético!!

No entanto, a atuação de José Régio na imprensa, que, desde 1944, no *Jornal de Notícias* do Porto, vai buscando corrigir e ajustar os registos críticos para a apreciação do «caso» (na aceção presencista) de Florbela, e, em seguida, a conferência de Jorge de Sena (1946), que toma a obra da alentejana como um breviário feminino e que desmascara o «processo judicial» que o salazarismo vinha impondo a ela e à biografia estropiada da poetisa — certamente tiveram, dentro dos meios académicos, um papel decisivo. Vitorino Nemésio é outro dos escritores-professores que, na altura, engrossam as fileiras da

defesa da alentejana. Isso sem nomear, por exemplo, o poema impressionantemente tocante de Manuel da Fonseca (1941), que a defende conferindo-lhe um poder de liderança mítica do Alentejo e de seus campestinos, no momento mais crítico das repercussões negativas da leitura da obra dela.

Tem de ser, também, sublinhadíssimo o papel de Agustina Bessa-Luís, que escreve uma «biografia» espetacular da Florbela, em 1979, e o das prefaciadoras da obra então inédita da Florbela em Portugal (o seu diário e um livro de contos), a Natália Correia (1981), a Yvette K. Centeno (1982) e a própria Agustina (que, também nesta altura, apresenta outro livro de contos de Florbela, publicado postumamente, em 1931), já então pela Bertrand — e décadas depois das manifestações pioneiras. Também tenho de lembrar a missão que tanto enalteço de Túlio Espanca, que era primo e afilhado de Sofia, admirável intelectual e estudioso da arquitetura histórica de Évora, e que dirigiu a revista *A Cidade de Évora*, onde publicaram muitos dos primeiros estudiosos da alentejana. E não posso deixar de citar, dentro da nossa contemporaneidade, a presença destacada da escritora Inês Pedrosa no que concerne à Florbela. Claro que não esgoto, de maneira nenhuma, o manancial de estudiosos e batalhadores pela causa da poetisa — citei para você apenas os mais proeminentes dos proeminentes!

Agora, quanto ao Brasil, creio que somente a partir do exílio de Jorge de Sena de Portugal, que começa em 1959, pois que veio lecionar em Assis e depois em Araraquara, é que a Florbela começa a ser divulgada nos meios acadêmicos. E daí a minha enorme sorte! E é justo o Jorge de Sena esse embaixador cultural que nos traz uma Florbela autorizada e que lhe dá foros de verdade estética.

O nosso professor José João Cury, figura inigualável, frequentava os círculos do Sena, e foi então que trouxe à nossa faculdade de Botucatu não só a Florbela como o próprio Sena. De maneira que também fui aluna desse intelectual, poeta, crítico, tradutor excepcional!

Acho que desenhei agora a minha própria árvore genealógica intelectual florbeliana. Sem contar que António Candido foi uma das pessoas responsáveis pelo convite a Sena e, também, a Adolfo Casais Monteiro, com o qual também tive aulas (na companhia de quem também sofreu um acidente automobilístico...). E não preciso lembrar da importância dessa figural exponencial.

Creio, pois, que hoje em dia Florbela parece finalmente ter penetrado nos panteões oficiais da Literatura Portuguesa. Haja vista que, recentemente (2017), o atual presidente da República Portuguesa, o Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, que foi presidente do conselho administrativo da Fundação Casa de Bragança, apoiou a compra de um espólio da

poetisa, que foi publicado, então, numa edição fac-similada, pela própria Fundação Casa de Bragança, que consta da transcrição e de uma introdução da emérita Ana Luísa Vilela e de mim mesma.

Atualmente, os pesquisadores brasileiros são protagonistas, em nível mundial, nos estudos de Florbela?

Ah, são sim! Digo isso sem nenhuma humildade. E tenho até na ponta da língua os argumentos, pois que o pessoal do meu Diretório Acadêmico do CNPq, todos estudiosos de Florbela, elaborou o *Dicionário Florbela Espanca*, que será publicado no ano que vem em Portugal. E, para tal, vasculhamos todo o cenário intelectual mundial para a confecção dos verbetes e, por ali, nos demos conta dos estudiosos pioneiros que tanto no Brasil quanto no exterior têm-se dedicado à obra dela.

Para você ter uma ideia — e creio que tudo vem da mesma fonte inicial: Jorge de Sena! — o primeiro levantamento bibliográfico sobre a fortuna crítica de Florbela foi feito em Araraquara, pelo Carlos Alberto Ianone, que, em 1965/1967, o publica em *A Cidade de Évora*, depois de ter estagiado nas bibliotecas portuguesas para vasculhar e descobrir o material. A outra figura de proa é a Zina Bellodi, aluna de Casais Monteiro em Araraquara, que, trabalhando e editando obras sobre Florbela desde os idos de setenta, apresentará, a pedido do

Professor François Castex, a sua tese *Florbela Espanca: Discurso do outro e imagem de si*, em 1994, publicada pelos Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian (Paris).

Haquira Osakabe e eu mesma teremos sido, também nos idos de setenta, os difusores da Florbela na UNICAMP, o que resultou em muitas ramagens intelectuais frondosas que se espalham pelas nossas universidades, dentre as quais lembro o trabalho aplicado da Renata Junqueira, que continua se dedicando à obra de Florbela. Ela foi minha orientanda na Graduação e, depois, do Haquira, durante a pós-graduação, e é hoje titular na Unesp de Araraquara — o célebre Departamento de onde a Florbela nasceu para o Brasil.

Durante o meu tempo de USP, eu me encontrava naquele tal interregno da Florbela, e me debruçava sobre os romances de Vergílio Ferreira e, em seguida, sobre a poética de Herberto Helder. Só então, depois de todo esse ritual acadêmico, que também me levou a estudar na École Pratique des Hautes Études (já quando eu era professora da UNICAMP), o papel das ciências herméticas na poesia da modernidade (a livre-docência *Poesia e Esoterismo*) —, é que resolvi que estava pronta para tratar dela. E é quando prestei concurso para a Universidade Federal de Sergipe e comecei a formar o benfazejo grupo do CNPq *Figurações do feminino: Florbela Espanca et alii*, responsável pela criação do Dicionário.

Nós, os florbelianos brasileiros, dialogamos muito com o pessoal português, sobretudo com a nossa emérita Ana Luísa Vilela, da Universidade de Évora (e estamos sempre afinados e agenciados para todas as iniciativas que dizem respeito à poetisa — organização de congressos, publicações, etc.) e com o Seabra Pereira, da Universidade de Coimbra. E também com a Claudia Pazos Alonso, da Universidade de Oxford, igualmente extraordinária estudiosa de Florbela, com vasta obra a respeito (e que foi orientanda do nosso emérito Helder Macedo, escritor e crítico de peso, que parece ser o responsável pela introdução da Florbela no Reino Unido); e com o Chris Gerry, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, que trabalha sobre as traduções de Florbela e também a transpõe para o inglês. Nos Estados Unidos, há a estudiosa de origem polonesa, a Anna Kobrucka, que é professora da Massachusetts Dartmouth e que, em seu pioneiro trabalho sobre o feminino, inclui a Florbela.

O Fabio Mario da Silva, do nosso Diretório e que também foi meu orientando, compõe com a Claudia a direção da «Coleção Obras Completas de Florbela Espanca», da Editorial Estampa/Edições Esgotadas (Lisboa). Sem falar que, por intermédio dele, a Florbela foi recentemente traduzida para o polonês e para o italiano, graças aos congressos internacionais de que todos participamos graças aos seus esforços.

Creio que o *Dicionário* é a grande empreitada que há de ostentar os estudos de todos os pesquisadores de Florbela, e tomara que não tenhamos nos esquecido de nenhum nome! Digo isso porque a cada dia cresce, e muito, o montante dos estudiosos de que talvez nem tenhamos notícia ainda. Por exemplo, há uma brasileira Elisangela Steinmetz, que faz doutorado na Universidade de Lisboa sob a orientação de outra grande colaboradora nossa, a Annabela Rita — que trabalha sobre a obra de Florbela a partir das teorias ocidentais sobre o amor. E teríamos de citar muitos, muitos mais.

Essas pesquisas (não apenas feitas no Brasil) vêm revelando aspectos da obra de Florbela? Poderia citar alguns deles?

Suponho que o principal ganho é tê-la tornada divulgada, conhecida e lida, e, melhor, sem nenhum tipo de preconceito. Pois é esse estereótipo de leitura que abunda quando se examina a sua fortuna crítica anterior, com raras exceções (como avengei), ao 25 de Abril — muito embora a Igreja Católica que apoiara o Salazarismo, e que praticamente a havia «excomungado», ainda pretendesse, depois da Revolução dos Cravos, reabilitá-la, sacando para tal a justificativa da sua «doença», e «perdoando-a» por ter «pecado»!

Estou terminando, neste momento, um livro, que será o meu derradeiro sobre ela — já estou ficando idosa e meio adoentada —, em que procuro esmiuçar, documentalmente, as

diferentes e indevidas apropriações ideológicas que foram feitas, ao longo do tempo, sobre a sua obra e sobre a sua biografia. Busco indicar os equívocos, as interpolações que foram produzidas sobre a sua produção, a má-fé que permeia as apreciações, a vontade de escandalizar e fornecer indícios com o intuito mediático de vendagem das obras, a utilização abusiva da sua imagem com outros fins, enfim, a exploração comum que se faz à Florbela, tratando-a enquanto uma espécie de valor de cota de um mercado, de uma bolsa de valores chamada «cultura».

E então eu vou perseguindo, através de uma pesquisa que tem ocupado (com prazer!) pelo menos os meus quase derradeiros 40 anos, graças à consulta de obras e de manuscritos e de recortes de jornais e revistas e de espólios e de correspondências e de uma infinidade de dados que fui angariando num grande acervo, esse cenário para ver se posso compreender a mutação histórica pela qual passou a avaliação da obra de Florbela e por que razões.

O principal foco de desejos desenvolvido de modo geral sobre a sua obra tem se aplicado, mais recentemente, no conhecimento do trânsito do feminino. Tal tendência, para além de empregar fontes da mitologia, da psicanálise, e que tais, também é favorecida por uma abordagem de cunho sócio-literário. Daí o interesse pelo contexto histórico e pela receptividade da obra junto a seus leitores. Também leva em consideração as diferentes versões ficcionais produzidas sobre essa relação entre

obra e biografia, enfim, o legado que Florbela tem oferecido para a contemporaneidade no que concerne à criação artística: seja a do romance, do teatro, da novela, da poesia, do cinema, da televisão, da dança e daí por diante.

O que ainda precisa ser pesquisado na obra dela, em sua opinião? E como se encontra o projeto *Figurações do feminino: Florbela Espanca et alii*, sediado na Universidade Federal de Sergipe e coordenado pela senhora?

É muito temerário dizer algo que possa ser elencado com segurança. Primeiro porque nem toda a obra de Florbela foi ainda conhecida, e a cada vez que isso ocorre, qualquer dado rearticula e reordenada tudo quanto antes havíamos pensado a respeito ou, na melhor das hipóteses, dissipa ou refaz dúvidas, levanta outras hipóteses de trabalho, enfim, muda o jogo hermenêutico, digamos assim.

Você veja. Eu conheci, em 1985, em Portugal, e secretamente (pois que dei minha palavra que nada daquilo seria divulgado ou mesmo aproveitado por mim em algum trabalho), um espólio considerável que, também por puro acaso, os herdeiros (que me caíram do céu – ou nem bem isso, pois que dei com eles por uma pista muito generosa da Agustina!) me permitiram consultar. Tratava-se de preciosidades documentais da lavra de Florbela que, então, como num martírio, me eram interditas pois que fui obrigada a ignorar o que tinha visto e lido – tinha de esquecer tudo, definitivamente!

E assim fiz com aplicação de devota. Num belo dia, já no Brasil, um dos herdeiros me aparece com todas as cópias do espólio nas mãos e me surpreende com a notícia impensável que haviam resolvido dar à luz a tudo aquilo e que confiavam em mim para que isso viesse a efeito.

Foi uma revolução não só para a biografia da Florbela, como também para o cenário total das publicações de poemas dela entre 1920 e 1925. Porque se tratava de produzir a edição de cerca de 48 peças da correspondência de Florbela com aquele que seria o seu segundo marido (o António Guimarães), também com seu irmão, incluindo nestas os poemas que ela produzia, então, e que perfariam (nem todos!) o livro que ela publicaria em 1923 – o *Livro de «Sóror Saudade»*, sua segunda obra. O que equivalia a poder afirmar, por exemplo, ao contrário do que se apregoava até então, que ela não fora uma alienada política, mas ao contrário, fora alguém absolutamente atenta às modificações políticas do seu tempo e com pareceres muito críticos e progressistas acerca do mundo a sua volta. Aliás – bem ao contrário do que seus próprios amigos, no afã de defenderem-na diante do Salazarismo, haviam até afirmado: que ela fora uma apreciadora (*sic!*) do Estado Novo!!!!

E isso sem dizer do encontro, nesse espólio das cartas, de originais de poemas que depois compareceriam, alterados por vezes, nas publicações posteriores, sobretudo na publicação do dito Livro. O que permitiu estudos comparativos de diferentes versões, pistas sobre

a publicação de outros poemas no seu livro póstumo, o *Charneca em flor* (1931) – pois que ali alguns desses foram incluídos – e daí por diante. Quanto às imprecisões da sua biografia, o material foi também fundamental para tirar dúvidas a respeito, e para acrescentar dados que tornam Florbela verdadeiramente espantosa – inefável! E esse material, que, portanto, organizei e cujos textos fixei, vem acrescido de um ensaio de fôlego e de um caudal de notas de rodapé, que publiquei em Portugal em 2008 (*Perdidamente. Correspondência amorosa 1920-1925*) e no Brasil em 2012 (*Sempre Tua. Correspondência amorosa 1920-1925*).

E ainda, tentando aventar novas possibilidades de abordagem, penso, por exemplo, nos estudos comparativistas entre a obra de Florbela e de seus contemporâneos (ou não) portugueses ou brasileiros ou americanos ou espanhóis, ou latino-americanos, trabalho que o meu Diretório tem elaborado. Por exemplo: Florbela e Ruben Darío (pesquisa de Renata Bomfim, da Universidade Federal do Espírito Santo); Florbela e Alejandra Pizarnick (de Isa Severino, da Universidade de Aveiro); Florbela e Judith Teixeira (de Suilei Monteiro Giavara, da UNESP/Assis); Florbela e Edna Saint Vincent Millay (Aline Cajé Bernardo, da UFS). Eu mesma aproximei Florbela ao Américo Durão, ao António Nobre, ao Raul Proença; à Gilka Machado, à Judith Teixeira, à Cecília Meireles, à Adília Lopes, às italianas Ada Saffo Sapere e Ada Negri, à polonesa Maria Pawlikowska-Jasnorzewska, à galega

Rosalía de Castro, à ucraniana Marie Bashkirtseff, e assim por diante.

Outra vertente de exploração muito interessante sobre a qual o pessoal do Diretório também se detém é a de avaliar o tratamento que obtém Florbela nas escritas ou em quaisquer meios de representação artística. Ou seja, por exemplo, o caso do estudo das mídias que a adaptaram e, ainda, da escrita literária que ela suscitou, ou seja, a recepção produtiva de Florbela. E são muitos os autores tratados, por exemplo, na pesquisa de Jonas Leite (UFPE); de Clêuma Magalhães, do Instituto Federal do Piauí (IFPI); de Iracema Goor, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), de Adriana Sacramento (UFS); de Michelle Vasconcelos, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); de Carlos Magno (UFS); de Leda Marana Bin, da Universidade de Hamburgo/Universidade Aberta de Lisboa; de Eliana Barros (UERJ); de Andreia Lima Andrade (UFRPE); e de Adriana Mello Guimarães, do Instituto Politécnico de Portalegre/Portugal.

Ao mesmo tempo, o interesse em examinar os traços pessoais e poéticos das traduções produzidas por ela; a exploração do teor de neo-realismo *avant la lettre* contido em seus contos (e a sua prosa é muito pouco estudada até agora), ou o impressionismo impresso neles; as ilações com outros escritores com quem se aproxima (como Verlaine, por exemplo, objeto atual da pesquisa do professor Fabio Mario da Silva, UFRPE; ou com Antero de Quental) ou

com aqueles poetas presentes nas epígrafes dos seus livros ou constantes nos manuscritos avulsos encontrados no seu espólio; a incidência das artes musicais na sua obra; o exame das relações biográficas pertencentes à sua obra poética e em prosa; etc. — tudo isso é campo ainda quase inexplorado. E também diz respeito àquilo que ela representa para a nossa atualidade.

O que Florbela tem a nos dizer atualmente?

Para além do que já aponte, eu declararia, generalizando, que, por vezes, penso que ela não cansa de dizer: 1) que o mundo parece continuar o mesmo, malgrado todas as mudanças. Que, como Camões, ela crê que «mudam-se os tempos/mudam-se as vontades», mas que outra mudança maior continua a ser mais espantosa — a de que a mudança não muda como deveria! Ou seja: as questões sobre o feminino levantadas pela sua obra continuam a nos impactar e a desafiar o nosso tempo — sobretudo porque não foram sanadas; 2) que o soneto é imorredouro e não é uma simples moda e nem uma mera fórmula para taxar Florbela de «parnasiana». Pode ser um colete ou modelador ou um espartilho feminino (já que é uma forma fixa), mas acontece que sua função mais nobre é sempre a de obrigar o poeta a se expressar mais livremente ainda, embora (e *pour cause!*) dialogue com os limites impostos. Digamos que ele seja, para

ela (e pode valer para nós) a maneira formal de desafiar ainda mais a criatividade artística, uma fronteira que nos atinja para que seja ultrapassada e vencida, malgrado todo o tipo de impedimento; 3) que a rebeldia, enfim, que todo o tipo de insurreição é sempre o mais espantoso aparato para construir arte e questionar o status quo. E olha, querida, que não é pouco!

Creio que por tudo isso e mais ainda Florbela não deixa nunca de ser lida por diferentes e várias gerações, em português ou em outras línguas. Ela é sempre um sucesso! Muito embora, devo admitir, paire sempre sobre ela, desde os mais remotos tempos, a ação nefasta de um abuso sobre a sua pessoa e obra, vinda dos mais inesperados promotores. Tanto dos seus admiradores quanto dos seus detratores.

Na correspondência que referi, ela mesma se ressentia disso e sua coleção de cartas para António Guimarães é aberta com tal insígnia de ultraje que lhe é imposta: «Amanhã será toda a gente a dizer a mesma coisa, a atirar-me na mesma lama, a envolver-nos em coisas baixas, tão baixas que eu nem me posso curvar para as avistar. O que eu hoje tenho sofrido, meu grande amigo, meu único e incomparável amigo! Tenho sofrido mais que em toda a minha vida. Eu já previa isto e com tanta razão! Não me perdoam a superioridade do meu caráter e da minh'alma».

A senhora tem conhecimento de outro grupo de pesquisa sobre Florbela Espanca em universidade brasileira?

Não se trata de um grupo de pesquisas dedicado propriamente à Florbela, mas conheço estudiosos na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) que têm-se aplicado em buscar traços da Florbela no Brasil, a partir, por exemplo, da estada de Apeles Espanca, seu único irmão, no Rio de Janeiro, na altura da expedição da Travessia do Atlântico Sul por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, pois que ele esteve a bordo do transatlântico que dava cobertura aos aviadores, em 1922. Apeles pertencia à Aeronáutica da Marinha Portuguesa, e integrou esse grande tento.

Conheci o trabalho interessantíssimo desses pesquisadores que aventa hipóteses meritórias, baseadas em documentos — no caso, na correspondência de Florbela com seu irmão — e que perscruta a possibilidade de publicações de alguns dos poemas de Florbela no Rio de Janeiro, valendo-se de aproximações histórico-biográficas. Claro, vê-se que é uma pesquisa que investiga o material contido nos jornais brasileiros de época, nas revistas e etc. para poder traçar algum tipo de ilação com os dados biográficos, colaborando muito para a compreensão de traços ainda obscuros da vida e da produção de Florbela.

São eles os pesquisadores Eduardo Cruz e Andreia Alves Monteiro de Castro, ligados à Cátedra Almeida Garrett (e, portanto, ao Sérgio

Nazar, da UERJ) e ao Polo de Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras do Real Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro (coordenado pela entusiasta Gilda Santos), que se debruçam sobre a imprensa da «colônia portuguesa» no Rio de Janeiro, entre final do XIX e início do XX. Outro estudioso florbeliano da UERJ é Henrique Marques Samyn, que também orienta teses sobre a Florbela.

Infelizmente, no meu caso, por motivos de saúde, fui obrigada a deixar o CNPq e, portanto, o nosso Diretório. Desde 2010 trabalhávamos aglutinadamente nessas pesquisas, e é uma grande pena que ele acabe de se encerrar. Muito embora grandiosamente, quero crer, uma vez que o *Dicionário de Florbela Espanca* vem aí e que acaba de sair o volume belíssimo dos trabalhos apresentados no derradeiro Congresso Internacional Florbela Espanca na Universidade de Lisboa e Câmara Municipal de Vila Viçosa (dezembro de 2019), editado pela Arc/Sol Negro e patrocinado por importantes instituições culturais não só portuguesas. Mas tenho a esperança de que algum dos nossos pesquisadores possa retomar e coordenar o grupo que, aliás, jamais se desuniu, mesmo estando aparentemente em repouso.

De resto, as alianças intelectuais e amigueiras que fizemos entre nós, florbelianos, é algo que permanece definitivamente. Somos todos estudiosos-em-Florbela, se me dão licença para o neologismo que, para mim, é o mais sugestivo para designar, em cheio, as nossas tão gratas relações.